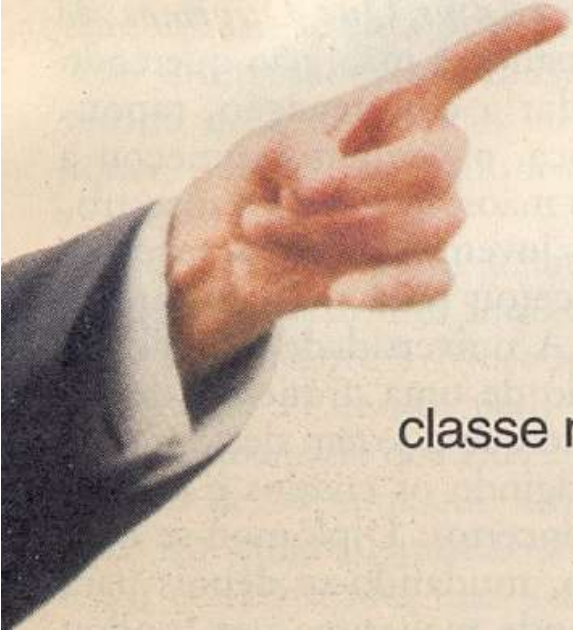




REGENDO UM SONHO



Quando ele prometeu transformar aqueles músicos numa orquestra de classe mundial, até eles próprios duvidaram.

LUCINDA HAHN

HOBART EARLE subiu confiante ao palco da Orquestra Filarmônica de Odessa e então se deteve, surpreso com a visão de quase 100 músicos enrolados em casacos e cachecóis. Era abril e o frio ainda estava forte na Ucrânia, mas aquela sala de espetáculos não dispunha de aquecimento.

Perscrutando a assistência, o maestro americano, de 30 anos, aproximou-se das poltronas de veludo gasto com dourados também envelhecidos. Muitos dos instrumentos que aqueles músicos usavam teriam sido rejeitados por qualquer banda de escola nos EUA.

Não era o que Earle esperava encontrar, mas ele estava ansioso para dar início a sua estada de uma se-

mana como maestro convidado ali. Erguendo a batuta, ordenou: «Comecem a *suite* do *Pássaro de Fogo* a partir da pauta número seis.» Suas instruções foram traduzidas para o russo.

Earle queria a peça de Stravinsky tocada com mais força e energia, e então fez a orquestra repetir a abertura até conseguir o que queria.

O som era pobre: os metais abafavam as cordas e os tímpanos não tinham mais ressonância que uma mesa de cozinha. «Mas, apesar de tudo, há aqui um grande potencial», pensou Earle.

Da parte posterior da orquestra, Vladimir Bondarchuk, *virtuoso* da trompa, contemplava com ar cético o maestro: «Que é que esse garoto

acha que vai nos ensinar?», perguntava-se ele.

No passado, a Orquestra Filarmônica de Odessa se apresentara para platéias apinhadas. Sob o regime soviético, porém, o grupo, tal como a estrutura que o albergava, entrara em decadência. Os concertos atuais tinham às vezes mais músicos que espectadores.

Mais tarde, ao ensaiar uma peça na qual a seção de cordas deveria pôr surdinas em seus instrumentos, Earle reparou que os músicos em vez disso utilizavam tubos cirúrgicos. «Vocês não têm surdinas?», perguntou, incrédulo. «Fazemos a surdina com isso», respondeu um dos artistas, e apontou para o tubo. Earle se assombrou, mas nem por isso deixou de admirá-los por sua capacidade de improvisação.

Alguns dias depois, a estada chegou ao fim, mas quando ele se preparava para regressar a Viena, um dos administradores da orquestra veio até ele e disse: «Precisamos de um novo maestro. O salário são 50 dólares por mês. Aceitaria isso a partir de setembro?»

Ele refletiu um pouco e depois respondeu que sim.

EARLE era filho de um executivo de uma companhia de seguros em Caracas, na Venezuela, e crescera rodeado de música. Sua mãe, que dirigia um grupo coral, começara a ensiná-lo a cantar ainda ele mal pronunciava as primeiras palavras.

A família Earle não tardou a descobrir que seu elemento mais novo

tinha talento e um irreprimível desejo de vencer. Certo dia, na missa, o coro começara a entoar um hino, quando de repente foi surpreendido por uma voz em tom elevado que começou a cantar, vinda do lado dos bancos. Era o pequeno Hobeey que se integrava no *Angels We Have Heard on High* (*Anjos Que Ouvimos do Alto*). Quando a mãe, não querendo incomodar a congregação, tapou-lhe a boca, o pequeno começou a mover as mãos, imitando o maestro.

Ainda jovem, Earle inscreveu-se em Princeton para se licenciar em Música. A universidade não dispunha então de uma orquestra de câmara, pelo que o jovem decidiu criar uma, dirigindo os ensaios e organizando concertos. Diplomou-se com distinção, mudando-se depois para Viena, onde mais uma vez fundou uma orquestra de câmara que tocava música vienense nos EUA e música americana em Viena.

Em 1991, ele se encontrava preparado para um novo desafio, a Filarmônica de Odessa. Ao longo do verão, Earle enviou cartas para mais de 75 amigos e colegas, descrevendo a triste situação em que a Filarmônica se encontrava. Anexada a cada uma delas, seguia um formulário de doação.

Depois, escreveu outra carta, que mandou traduzir para russo e enviou a cada um dos elementos da orquestra.

VLADIMIR Bondarchuk pescou um envelope em sua caixa do correio, que ficava num escuro corredor de

seu prédio. Era de seu novo maestro. «Espero que o seu verão tenha sido bom», dizia Earle. «Acredito sinceramente que juntos teremos um futuro risonho, mas vamos precisar trabalhar com afinco.»

Ao ver toda aquela ingenuidade otimista do norte-americano, Bondarchuk riu-se para dentro. «As pessoas interessadas em música estão saindo de Odessa, não vindo para aqui», pensou, atirando a carta para o lado.

Não era o único a achar isso. O clarinetista Vladimir Tomaschuk fora recentemente a Moscou, numa viagem de 11 horas, pedir um visto na embaixada dos EUA. Para um músico de 50 anos que sofria de artrite no quadril, mudar-se para os EUA era arriscado, mas Tomaschuk estava deseioso de sair de Odessa. Além disso, confidenciara aos amigos: «Como músico, perdi o interesse por minha paixão.»

Algumas semanas depois, Hobart Earle percorria novamente o palco da Filarmônica de Odessa. Desta vez, trazia consigo um grande saco de compras, do qual retirou um embrulho que entregou ao chefe de orquestra, Viktor Kusikov. Este o abriu rapidamente e sorriu, exibindo seu conteúdo à orquestra: crinas para o arco de seu violino. Os músicos irromperam em aplausos.

Os aplausos prosseguiram até terem sido distribuídas crinas suficientes para equipar toda a seção de cordas da orquestra. Depois, vieram surdinas novas para as seções de metais e cordas – tudo comprado com

os 3000 dólares angariados por Earle junto de amigos.

«Quero dar a vocês todos a possibilidade de ganharem o que merecem», afirmou ele, «e isso significa se apresentar no Ocidente.»

Por todo o grupo espalharam-se murmúrios de entusiasmo. Ao contrário das famosas orquestras de Moscou e Leningrado, a de Odessa nunca pudera atuar fora da União Soviética. «Para conseguirmos isso», acrescentou, «precisamos lutar para conseguir um nível de atuação de classe internacional.»

A partir desse momento, a orquestra sentiu-se incentivada. Earle insistiu nos ensaios individuais com cada seção instrumental, a que se juntavam as sessões de quatro horas diárias com a orquestra completa. Os ensaios passaram a ter uma nova intensidade, e Earle demonstrou-se um maestro exigente.

«*Niet! Niet!*», gritava, quando o som dos violinos lhe parecia arrastado. «Vamos lá, eu sei que vocês podem fazer melhor!», reclamava, incitando-os em seu russo, que melhorava a olhos vistos. E pôs os músicos para repetir passagens vezes sem conta, até que lhe satisfizessem o ouvido crítico.

Em finais de 1991, foi convidado a se apresentar como maestro convidado no Festival de Primavera de Bregenz, na Áustria. Seu tema era a música americana. «Posso levar a Filarmônica de Odessa?», perguntou a um membro da organização. O que poderia haver de mais exótico que um norte-americano dirigindo

uma orquestra ucraniana que tocava marchas de John Philip Sousa?

Entusiasmado, o membro da organização aceitou a oferta e pouco tardou até que os músicos comesçassem a passar horas e horas, diariamente, treinando peças que nunca tinham ouvido. Para compensar a falta de familiaridade com seus tempos e ritmos, aplicavam-se ao máximo. E, para ajudar a preparação da orquestra, Earle organizou concertos em cidades por toda a Ucrânia.

DESLOCANDO-SE em ônibus velhos, a Filarmônica de Odessa e seu maestro percorreram a Ucrânia, que acabara de declarar sua independência da ex-URSS. Numa cidade, no final de um concerto de música norte-americana, Earle disse em ucraniano: «Antes de irmos embora, não podemos deixar de tocar música ucraniana!» Ouvindo um norte-americano falar sua língua materna, durante tanto tempo reprimida, a assistência irrompeu em ovação.

A Filarmônica tocou então, de forma pujante, a abertura da ópera patriótica *Tarass Bulba*, o hino nacional (ainda não oficial) da Ucrânia. O público levantou-se e algumas pessoas desfraldaram bandeiras azuis e amarelas da Ucrânia. «Este povo precisa da nossa música», pensou o clarinetista Tomaschuk, com lágrimas nos olhos. Em Odessa, a reputação dos músicos começou a crescer. Certo dia, no mercado, uma violinista, na fila para comprar sal-sichas, olhava ansiosa para o relógio. Reparando na caixa que levava, uma

senhora perguntou-lhe onde trabalhava. «Na Filarmônica. E estou atrasada para o ensaio», respondeu ela. Imediatamente deixaram-na passar para a frente na fila.

Após um concerto, Earle recebeu o bilhete de uma pessoa do público. «O senhor é um herói americano! É luz na nossa escuridão», lia-se.

Terminada a turnê pelo país, a orquestra estava preparada para o festival na Áustria.

Na noite de sua atuação em Bregenz, todos se sentiam nervosos, inclusive Earle. Mas, uma vez em palco, a Filarmônica de Odessa encheu a sala com seu repertório recém-adquirido de música americana. Iniciando o solo de trompa do *Concerto em Fá*, de George Gershwin, Vladimir Bondarchuk tocou como nunca. «Serei mesmo eu?», perguntou-se em dado momento.

Ao cabo de duas horas de atuação, os músicos terminaram com *The Stars and Stripes Forever*. A multidão aplaudiu. «Isto está-se tornando interessante de novo», pensou consigo Tomaschuk. «Talvez eu fique em Odessa por mais uns tempos.»

Mas a motivação após o sucesso na Áustria não conseguia apagar as dificuldades crescentes que a vida na recém-independente Ucrânia lhes impunha. Para a primeira violinista Galina Zhukova e o trombonista Viktor Rossada se sustentarem a eles próprios e à sua filha de 4 anos com seus salários de 25 dólares por mês estava-se tornando quase impossível. «Como vamos nos arranjar?», perguntou Galina a Viktor certa noite.



A orquestra na famosa Escadaria Potemkin, em Odessa.

Ele recordou-a da proposta de um maestro da Polônia, que lhes prometera lugar numa orquestra daquele país, onde os ordenados eram mais elevados. Mas pensaram melhor e decidiram não partir. «Podia ser uma opção, não fosse pelo Hobart», achou Galina. Não podiam deixar Odessa agora. «Adoramos nosso trabalho de novo», pensou Viktor.

APOS um verão em Viena, Earle voltou a Odessa e foi encontrar seus músicos tocando desmotivados. «Qual é o problema?», perguntou.

Como resposta, muitos encolheram os ombros. «Vocês pensam que já terminamos?», desafiou o americano. «Uma viagem ao Ocidente e é tudo? Nem pensar! A Áustria foi só o início.»

Em sua cabeça não tardou a aflo- rar um novo plano: «A América», pensou. «Vamos fazer uma turnê pela América.» Mas, para salvaguardar a orquestra de uma possível desilusão, manteve seus sonhos em segredo.

Alguns meses depois, Earle lia nervosamente um contrato de aluguel

do Carnegie Hall para o dia 30 de novembro de 1993. «Como é que vamos conseguir angariar 200 000 dólares para uma apresentação na América?», perguntava-se. O dinheiro do sinal para o Carnegie Hall teria de sair de seu próprio bolso.

Com o acordo do diretor executivo da orquestra, Viktor Mitnik, Earle começou a angariar fundos para a viagem. Após um banco ter falhado numa promessa de 200 000 dólares, Earle e Mitnik encontraram-se com políticos locais, inclusive com o prefeito de Odessa. O maestro apelou para as preocupações deste com as más condições econômicas da cidade. «É uma excelente oportunidade de promoção para Odessa», salientou. «Ou não?»

«Tenho muitos outros problemas», respondeu o político, aparentemente desinteressado, «mas vou pensar.» E lá foram embora Earle e Mitnik com poucas esperanças de conseguirem um financiamento oficial.

Os meses passavam e nada. No início de outubro, Earle e Mitnik souberam que o prefeito ajudara a convencer três fábricas a doarem mais de 200 000 dólares, o suficiente para cobrir a totalidade das despesas da viagem.

Mas surgiram complicações quando se tratou de enviar os fundos para os EUA. Quando Earle foi a Nova Jersey para a comemoração do 80.º aniversário de seu pai, no fim de outubro, o dinheiro ainda não tinha chegado lá. Só faltavam umas semanas para a data do concerto no Carnegie Hall. Durante a festa, o maes-

tro partilhou suas preocupações com o cunhado, John, um executivo.

«Hobey, você não tem o dinheiro, não tem os vistos e não tem nem hotel nem condução marcados», ponderou ele. «Talvez fosse melhor cancelar essa viagem.»

Mas Earle sacudiu negativamente a cabeça. «Vou ter de conseguir.»

O dinheiro acabou chegando, e ele pôde regressar a Odessa com boas notícias.

DE PÉ diante da orquestra, no primeiro ensaio após sua chegada da América, Earle sentia-se nervoso.

«Tenho o prazer de comunicar-lhes que no dia 30 de novembro esta orquestra estará tocando no Carnegie Hall de Nova York», disse com calma. Atordoados no princípio, os músicos irromperam em calorosos aplausos, conversando uns com os outros excitadamente.

A turnê pela América iria se iniciar com um espetáculo no famoso Orchestra Hall de Chicago. Mas no dia da partida, quando os músicos se aprontavam para entrar no avião, Mitnik chamou repentinamente Earle à parte. «O piloto está achando que é peso demais», comunicou em tom sério. «Vamos ter de deixar 20 passageiros em terra.»

Juntos, os dois foram então a um representante da Air Ukraine. «Esta viagem foi negociada com sua companhia no mais alto nível», disse Earle com os mesmos gestos efusivos que utilizava para dirigir sua orquestra. «Se deixarmos ficar aqui 20 músicos, nosso primeiro concer-

to nos EUA terá de ser cancelado, o que seria uma grande vergonha para a Ucrânia.»

Vencido pela determinação de Earle, o funcionário deixou que toda a comitiva embarcasse. Insistiu, contudo, para que oito grandes caixas de instrumentos ficassem em terra. «Tudo bem», pensou Earle. «Vamos viajar sem eles.»

Quando o velho Ilyushin pousou, por fim, no Aeroporto Internacional JFK, os músicos aplaudiram. Colocando-se à saída, Earle apertou-lhes a mão um por um: «Bem-vindo aos Estados Unidos», dizia com um largo sorriso. Quando estendeu a mão a uma das violinistas mais reservadas, esta saltou em cima dele e deu-lhe um grande abraço.

NO INÍCIO do ensaio geral no Carnegie Hall, no dia do concerto, Earle pediu à orquestra que se levantasse. «Façamos um pouco de silêncio. Vamos pensar sobre onde estamos e sentir a atmosfera deste local histórico.»

Nessa noite, quando subiram ao palco, ele, impecável em sua casaca, entrou no palco ao som de uma grande ovação. O concerto abriu com *America the Beautiful*, seguindo-se extratos do *Romeu e Julieta*, de Prokofiev. Vladimir Bondarchuk estava

certo de que o coração lhe saltaria pela boca. Então, juntamente com as outras trompas, tocou uma introdução impecável, que deu o tom para o resto do concerto.

Quando as últimas notas se extinguíram nessa noite, o público levantou-se, aplaudindo sem parar. Sorrindo para os músicos, Earle iniciou o *encore*: a abertura de *Tarass Bulba*.

Poucos dias depois, os músicos entravam no jato da Air Ukraine, conversando e transportando sacos de compras com calças *jeans* e outras recordações, que colocavam nas prateleiras sobre as cadeiras. Earle observou aquela cena febril com grande satisfação. Todos os 103 elementos da orquestra estavam a bordo.

Em sua cadeira, junto ao corredor, Vladimir Tomaschuk estava calmo. Ao longo de anos e anos, seu sonho fora mudar-se para os EUA. Agora estava satisfeito — mais que isso, excitado — por voltar para casa.

Desde sua apresentação no Carnegie Hall, a Filarmônica de Odessa, dirigida por Hobart Earle, já cumpriu mais quatro turnês no estrangeiro. A vida em Odessa é dura e a Sala de Concertos da Filarmônica continua sem aquecimento. Mas quando a orquestra dá um concerto, os lugares sempre se esgotam.

FOTOS: © DE JOF BANGAY

— ESTÁ VENDENDO aquela fenda ali? Meu guia de montanha caiu lá dentro há apenas duas semanas.

— É você conta isso com essa naturalidade toda?!

— Oh, era velho e tinha várias páginas faltando. — A. van Beek, Holanda